

## O CAIPIRA QUE AMAVA O NORDESTE

O caro Manoel Neto convidou-me a dar um depoimento para essa publicação dedicada à memória de Antônio Amaury Corrêa de Araujo. Eu, seu segundo filho, tomarei a liberdade de flunar sobre algumas facetas da vida pessoal do grande pesquisador, o Amaury, como era tratado na intimidade do lar.

São muitos os amigos amealhados ao longo dos anos de pesquisa e estudos no universo do cangaço. Esses amigos e admiradores numerosos já dizem por si só dois aspectos dessa figura "sui generis". Diz de sua paixão e devoção ao cangaço e à história, e diz também de sua capacidade relacional e o apreço que tinha pelas amizades, as quais devotava uma fidelidade cavalheiresca.

De fato, o pai, foi um homem desses que chegava discretamente nos lugares e, usando de sua palavra com sabedoria e respeito, conquistava a simpatia e confiança de todos. Ele tinha o que dizer e sabia escutar. Conhecia a alma humana, como se espera daqueles que se debruçam sobre os estudos das humanidades.

Foi incitado a publicar seus conhecimentos por dois grandes amigos com quem mantinha estreitos laços. O Franklin Maxado e o Zacarias José dos Santos. Dois estudiosos incentivadores da literatura de cordel e de outras tantas manifestações culturais do nosso Nordeste. A eles meu pai creditava o advento de sua notoriedade. Foram eles que perceberam o quilate que tinha o paulista.

Minhas memórias mais antigas contam de um quarto ensolarado, na pacata Rua Cataguazes, no Jardim São Paulo, Zona Norte da capital paulista. Numa manhã na qual eu e meus irmãos pudemos invadir o quarto de meus pais e brincar com eles. O casal era só afeição e contentamento. Meu pai, com um tape de rolo, gravou nossas vozes. Registrou uma cantoria de um "Acorda Maria Bonita", ensinada a nós que mal sabíamos falar corretamente. Recordo o cheiro do aparelho novo, no qual ele já havia gravado as vozes de Sinhô Pereira, numa viagem que fizemos a distante cidade de Patos de Minas.

Nesse mesmo tape gravou também outros grandes personagens dessa história fantástica, até então muito conhecida mas pouco estudada, entregue às informações tendenciosas e clichês da mídia, porta voz dos detentores do poder que conseguiram calar a

voz dos vencidos. Foi assim que o Balão, Zé Sereno, Tenente Bezerra, Sila, Criança, dentre tantos outros, deram suas versões sobre os ocorridos naquelas brenhas, até então distantes e esquecidas do "Brazil".

Incomodado e intrigado com as lacunas e contradições que observava nas poucas publicações em revistas, jornais e nos raros livros que tratavam do assunto, não se conteve e fez um verdadeiro trabalho de jornalismo histórico, por satisfação pessoal. Foi atrás dos atores sociais que viveram aquela saga, dando voz e vez a todos quanto pôde entrevistar.

Recordo minha avó falando para que tivéssemos respeito com todos eles, pessoas importantes para a história do país. Uma dimensão um tanto difícil para crianças avaliarem. Mas que, tivemos o privilégio de vivenciar, para dimensionarmos o calibre das personalidades que frequentaram nossa casa.

Nesses tempos, já havia sido lançado o filme "Corisco, o Diabo Loiro", cuja execução contou com a acessoria direta de Dadá. Para tanto, a ilustre esposa do próprio personagem que dava título á obra, morou conosco durante dois períodos, de cinco e de seis meses. Nós, miúdos, interagíamos com ela, mulher vigorosa. Ficávamos intrigados com suas muletas e sua maneira de se locomover, amputada que era.

Foi por essa demanda de informações que também fomos levados a conhecer os recantos de São Paulo em sua amplitude, saindo dos bairros centrais e frequentando algumas periferias, nas quais o pesquisador encontrava seus entrevistados. Tenho forte na memória as primeiras idas ao bairro de Itaquera, todo em ruas de terra, com casas novas e inacabadas, as ruas esburacadas e sem sinalização. E, nessa miríade de becos e ruelas, meu pai demonstrava um senso de direção e uma capacidade de memória que o faziam chegar onde quer que houvesse algum depoimento a ser coletado, para agregar ao seus conhecimentos. Assim foi, também, pelas estradas sertão afora, quando se aventurava pelo interior do Nordeste que, à época, tinha uma outra cara, muito mais precária e rústica.

Seu primeiro livro, o "Assim Morreu Lampião", foi datilografado por minha mãe, na pequena Olivetti portátil que ele comprara havia pouco tempo. Acompanhava-a, tirando suas dúvidas, enquanto a fiel companheira transcrevia o livro, após um dia longo de trabalho lecionando para duas turmas das primeiras séries de uma escola estadual distante, mostrava sua destreza na mesa da cozinha, tornada escritório. Incansáveis. Ele, que já havia mudado o consultório particular que ficava em casa, para o bairro da Liberdade,

trabalhava também em jornada dupla, chefiando os dentistas do Sindicato da Construção Civil.

Quem lhe deu algumas orientações nesse primeiro escrito foi o então já consagrado escritor Inácio de Loyola Brandão, seu antigo amigo do Colégio São Bento, de Araraquara. Lembro-me dele dizendo: "Quando for relatar algum mérito, conjugue na primeira pessoa do plural. E quando for citar alguma falha, faça-o na primeira do singular."

Assim eram os tempos, bem antes da internet. Alias, era uma festa a cada pequena conquista. Foi assim com a Rural Willys, a primeira TV, o primeiro telefone e tantas outras coisas atualmente banalizadas... Apesar das limitações, demonstrando o poder de sua paixão, fez o que fez. Escreveu um bocado daquilo que captou, transformou em informação e ergueu um arcabouço de conhecimento sólido. Eu, que não sou historiador, atrevo-me a dizer que ele lançou as bases da historiografia do cangaço. Isso por ter dado voz a tantos quantos dessa história participaram, entre volantes e cangaceiros, coiteiros e outros testemunhos num imenso quebra cabeça. Nesse esteio vieram também os jornalistas, os pesquisadores e tantos outros interessados em beber de sua fonte de conhecimento.

Da sala de jantar, espiávamos pelo buraco da fechadura as figuras ilustres que ficavam na sala de visitas para as entrevistas mais formais. Causava um certo "frisson" essas presenças, mesmo sem que soubessemos exatamente a envergadura de cada qual. Só percebíamos a aura de cerimônia em torno deles.

Pouco depois, veio então a sua participação no programa de perguntas e respostas da TV Globo, o "8 ou 800". Foi a porta para o estrelato. Ganhou notoriedade no nível nacional. Na escola os colegas vinham fazer perguntas sobre o cangaço. As curiosidades possíveis para as crianças como por exemplo "Quantos dentes de ouro Lampião tinha?"... E ele nos respondia.

Na estrada, se eventualmente um guarda de trânsito o parava, logo era reconhecido e reverenciado. Ele sabia bem o que isso significava. E comentava conosco a capacidade que os meios de comunicação tinham de transformar um homem em herói, ou não. E esse é mais um aspecto seu que para muitos dos amigos mais próximos foi marcante... A lucidez que tinha em relação a essa dinâmica do jogo social. Tinha consciência de classe, os amigos afirmam. Consciência essa que influenciou em muito meu modo de ler o mundo, pelo que sou grato a oportunidade do convívio e o privilégio das conversas que viemos a estabelecer

durante nossa jornada.

Sua força permitiu que, apesar de ter sido preso, pressionado e perseguido no período da ditadura, no auge do regime militar, não sucumbisse à fraqueza, mantendo-se firme e conduzindo a família em segurança. Dessa fase, só recordo o peso das infundáveis e repetidas recomendações para que não se falasse com estranhos, não se comentasse da intimidade do lar, e tantos outros cuidados que semearam em mim uma paranóia. Só pude compreender entorno dos meus 18 anos, quando vim a saber dos fatos, já próximos que estávamos da reabertura política. Isso foi no período das Diretas Já. E aí, para mim, meu pai, de pessoa ilustre, foi alçado a herói. Passando a ser meu exemplo de cidadania, dignidade, ombridade, consciência política, moral e amor à liberdade. Entendi o silêncio a que se obrigou conosco sobre essas questões tão delicadas. A ditadura não poupava nem mesmo as crianças.

Eu, que já folheava alguns dos poucos livros que ele não queimou quando voltou do DOPS, ia formando meu repertório de respeito e consideração ao país e ao povo trabalhador. Tive o prazer de lhe fazer uma preciosa indicação de leitura, a qual me transformou e teve o condão de despertar um sentimento para além do filial. Passamos a ser amigos e companheiros. O livro em questão foi "As Veias Abertas da América Latina", do Eduardo Galeano.

Como disse, sua memória também era qualquer coisa de invulgar. Com certeza essa é uma das qualidades que lhe favoreceram em seu extenso trabalho. Arguto, evocava datas e nomes com precisão incrível. Para quem está a escrever sobre uma história de tantos personagens, há que se contar com um recurso desses em tempos analógicos. E nós, até a vida adulta, consultávamos a ele antes de iniciarmos qualquer pesquisa. Isso nos dava uma tremenda tranquilidade, como se tudo pudessemos saber somente ao lhe perguntar.

O início da perda da memória assustou-o e feriu sua vaidade. Vaidade essa que teve o ambíguo papel de favorecer sua construção narrativa e relegar a organização de seu acervo. Quando o chamava para arrumar e organizar seus guardados ele sentenciava: "Eu sei onde está!". E sabia.

Sabia, inclusive com precisão assombrosa, as páginas as quais recorrer dos inúmeros livros que já havia lido, quando necessitava de uma referência mais precisa para um argumento, ou mesmo para desconstruir outro discurso. Por saber-me pifio se

comparado a ele nessa sua capacidade, nunca me atrevi a seguir seu caminho. Falta-me a base, tanto na memória quanto na paixão. Por mais que ele visse em mim alguém que enxergava o mundo de maneira similar à sua, o que o fazia incentivar-me no interesse pelo seu legado, eu sabia que não teria um mínimo de sua capacidade de articular memórias e evocar fatos num debate qualquer.

Queixava-se por não possuir o dom beletrista para transformar sua obra em algo mais além da informação. Mas sua capacidade de, com simplicidade, expressar suas perspectivas em relação aos acontecimentos, alcançou, conquistou e influenciou um público incomensurável. Assim ia contaminando a muitos com a sua obsessão. Seus olhos brilhavam ao encontrar com essas pessoas. O sorriso brotava fácil. Aquele homem acostumado a dormir cedo, varava a madrugada em conversações animadas. No outro dia, acordava cedo, e prosseguia no encalço de novas informações com o mesmo ânimo.

Esse mesmo fogo, foi o que conduziu aquele senhor octagenário, que já andava com alguma dificuldade pelas calçadas das cidades, a subir as barrancas do São Francisco, rumo à Grota do Angico, usando um cajado improvisado e deixando para trás outros tantos jovens que nos acompanhavam. Era incrível como o assunto lhe trazia vida nova.

Muitos perguntaram o porquê de um paulista ter tido tamanho interesse por um tema nordestino. O pai via para além dessa dicotomia Nordeste x Sudeste. Para além do nosso bairrismo, via questões que dizem respeito à história da humanidade, com todas as singularidades que lhe são peculiares, dado o tempo e espaço em que ocorreram. Mas recordo também o interesse que ele cultivava pela história universal, em especial pela temática do banditismo. Era nítido seu interesse pelos filmes de faroeste (e pela história americana, de maneira geral) que ficaram registrados na minha memória através das vinhetas dos filmes que éramos "obrigados" a assistir nas tardes de domingo. Isso quando não estava ligado nos jogos de futebol. Não era exatamente algo que a criançada aceitasse com tranquilidade, isso dava o tom do nosso final de semana. E até desse clima, onde se impunha um silêncio para que fosse possível qualquer ser humano escutar a programação, tenho saudade.

Saudades de vê-lo tomando seu chá mate, acompanhado de bolacha Maizena. Saudades da conversação que se tinha ao redor da mesa da copa. Saudades do sorriso leve que dava quando lhe pedíamos a benção na hora de dormir.

Com os gostos e orgulho de ser caipira. Mesmo sendo filho de um casal que havia sido próspero nos tempos do café. Quando nasceu, já haviam perdido a fortuna com a crise de 1929. Sua mãe conduziu e sustentou a família mantendo uma pensão para os estudantes daquela que viria a ser sua universidade no início da idade adulta. Por ser a única universidade custeada pelo governo, foi esse o critério adotado para que tivesse cursado Odontologia ao invés de História. E foi um excelente dentista, tendo sido nomeado Chefe dos Dentistas em alguns sindicatos pelos quais passou.

E como eu amava ouvir de minha avó, sua mãe, que conosco morou durante toda a vida, as histórias que contava dos antepassados. Uma rica saga, na qual desfilavam lances como o do relógio de ouro que foi deixado com aquele que consideramos o patriarca de nossa família, no início do século XIX. Falava da escravidão, do tempo dos colonos italianos, do passado de mascate de seu pai vindo do Líbano ainda com onze anos de idade. A mudança de Minas para o interior de São Paulo usando carros de boi, no período da Guerra do Paraguai. Das assombrações que ganhavam cores e vida nas falas daquela herdeira de uma tradição de contadoras de histórias, dos tempos em que os entretenimentos nas fazendas eram poucos, algumas me assombram até hoje. Tão encantado com todo esse repertório, eu não alcançava o porquê de meu pai não se interessar pela história da própria família, e sim por gente de terras distantes e áridas.

Pelo arrebatamento que essa história despertou em meu pai, minha mãe teve ciúmes. Um ciúmes contido, mas sincero, que contaminou um tanto os filhos. Hoje compreendo os dois, mãe e pai. Bem fez ele de ter seguido sua paixão. Sua obra justifica e atesta que fez o que deveria ser feito. O Brasil agradece. E minha mãe, companheira abençada, reclamou contidamente, com razão muitas vezes. Efetivamente, meu pai dedicava muito do melhor quinhão de sua vida, inclusive no aspecto financeiro, aos seus estudos. Ele reconhecia. E num certo momento, eu consegui conversar com ele sobre isso, apoiando-o nessa atitude, apesar dos efeitos de suas escolhas. Espero que o Brasil realmente o agradeça.

*Carlos Elydio Corrêa de Araújo*